

FINAL DO JOGO

IOHAN

Lúcia Castelo Branco

Faculdade de Letras

Caminhando pelas ruas, passos regulares de homem comedido, percorre cuidadoso a avenida central de tua cidade ou mesmo de teu país. Há árvores na tua avenida, dessas árvores estranguladas que o governo de teu país plantou na primeira semana nacional de proteção às plantas e aos animais. Não te comoves com o verde, cansado que andas destas tuas tendências bucólicas. Segues o teu caminho, passos firmes de homem decidido. Buzinas e freiadas e gritos de amanhecer não te perturbam. «É assim mesmo quando se alcança o equilíbrio», pensas satisfeito de tua situação confortável.

O prédio de vinte andares e filas de elevador te reserva sorrisos de sempre bons dias e correspondências antigas por receber. E sobes pelas escadas, caso te queiras dedicar a um pouco de ginástica matinal. Numa coisa tens mais sorte que o teu vizinho que, de muletas, não pode escolher entre a escada e o elevador. Sorris satisfeito num egoísmo natural que te fizeram crer humano e relembra maquinalmente a oração de São Francisco de Assis.

No escritório, olharás malicioso a secretária franzina que te parece hoje mais bonita. Ouves alguma coisa como «sim senhor», murmuras alguma outra coisa como «obrigado», e caminhas já apressado pra tua sala vazia. Teus passos então um pouco irri-

tados, constróem a tua imagem de patrão. Abres a janela pra permitir circular o ar. Lembras-te do ar condicionado recém instalado, fechas rapidamente a janela e te deixas resfriar naquele ambiente gelado. Horas e horas te passarão naquele lugar ali trancado de alô e telefones e assinaturas e polimentos e jornais de teu país. Não lerás os jornais, que não tens tempo; e caso haja tempo, há coisas melhores pra ler. Após avisar a secretária de que não entre sem antes bater à porta, te sentirás então escorregar pela cadeira giratória. Mulheres deliciosas, fotografias de revistas te passarão pelas mãos; desejarás todas elas e te permitirás alguns momentos fortuitos de criatividade sexual. Como já era de se esperar, o telefone te chamará neste exato momento e a voz gorda de tua mulher te trará de volta à realidade. Ela vai te falar das mensalidades atrasadas, da intransigência das crianças, da burrice da empregada. Ouvirás atento, cuidadoso que és com a manutenção de teu lar. Assinarás o cheque sem reclamar, o boy ficará encarregado de entregá-lo à tua mulher. Não, não almoçarás em casa. «Não há tempo, meu amor», dirás numa voz adocicada que quase a comoverá. Caminharás para o restaurante mais próximo onde os amigos te esperam. Conversarão animados e, de aperitivos em punho, se dirão grandes coisas de homens de negócios. Observarás descuidado que teus amigos engordam. Observarão descuidados que tu engordas também. Combinarão decididos uma pelada nos domingos ensolarados. Tens receio de que tua mulher reclame — é preciso levar as crianças ao clube ou ao parque — darás um jeito. Diante do fillet mignon mau passado recordarás os petiscos de tua mulher. «Nenhuma comida no mundo substitui a comida caseira», pensarás satisfeito na mulher que tens. E a tarde te passará então mais lenta, tua sala já gelada do ar condicionado possante, tua secretária apressada de vai e vens. Observarás desprezioso as coxas magras de tua secretária. Estas coxas não te provocarão agora. Pensarás rapidamente nas mulheres que te caminharam pela vida. Terezas, Cristinas, Marias, Helenas. Terás saudade. Tempos passados de juventude. E danças e abraços fortuitos nas esquinas. Como quando eras menino e

um sorriso te bastava para que tivesses o coração em fruta. Não, não terás saudade. Os olhos úmidos te incomodam, alguém pode perceber. E atenderás procuradores, corretores, promotores, vendedores, senhores de dignidade. E te falarão progressistas, derrotistas, comodistas, terroristas de todos os dias. E ouvirás e responderás, eternamente atento às pessoas. Até que te cheguem gratificantes as seis horas da tarde. E as filas de elevador te reservarão boas noites e até manhãs. E caminharás lentamente a avenida central do teu país, o relógio da prefeitura te avisando de que não há pressa. Passos regulares de homem comedido que és.

Em casa te esperam mulher, filhos e jantar. Beijarás na testa tua mulher, as crianças te subirão pelas pernas. Ouvirás alguma coisa como «papai», murmurarás alguma coisa como «meus filhos». Falarás do trânsito, do trabalho, do calor. Tua mulher te dirá «meu amor». Não perceberás, cansado que te sentes no fim do dia. Jantarão, e carentes se aconchegarão no sofá. As crianças dormirão estiradas no tapete, tua mulher já roncando diante da televisão. Tentarás levantar pra mudar de canal, a cabeça dela te pesa no colo. A empregada que vem, e de avental te oferece sorrindo um café. Observas nervoso que lhe faltam alguns dentes. Aceitas gratificado o café que mais te parece um chá. A empregada se despede e se encaminha pra cozinha, talvez vá dormir. Subitamente, te entregas a um medo adolescente de estar ali sozinho, diante da TV. Marilyn Monroe te observa de olhar antigo. Levantas-te de gestos delicados pra não acordar tua mulher, caminhas apressado atrás da tua empregada. Ela já se prepara pra dormir, volta-se assustada com o patrão que lhe aperta as costas. Já agora audacioso, convém convidá-la para tomar um vinho. Não menos assustada, ela terminará por aceitar numa condescendência natural. E beberão, madrugada a dentro. O vinho nos olhos, cabeça e coração, ela já se deixará rir despreocupada. Diante de ti Marilyn Monroe, Rita Hayworth, Ava Gardner, todas as mulheres do mundo te convidam para o filme. Corpo sensual delineado sob a camisola transparente. Gestos insinuantes de mulher experiente. (Neste momento podes te chamar José, Maria ou João; podes até

mesmo ser homem, mulher ou criança — o autor te permite a escolha). Te aproximarás lentamente daquela mulher que te ri e de mãos trêmulas te afagarás os cabelos louros, produto de teu delírio alcoólico. E te dirás num murmúrio: «Vamos nos sufocar». E ela te permitirá, condescendente que é, louca que se torna de copos de vinho no sangue. E os dois poderão rir ou chorar, gritar ou permanecer quietos, à espera. O gás escapando denso do forno, te sufocará devagar. E tu te deixarás aspirar levemente, aspirações regulares de homem comedido que és.